

RELAÇÕES DIALÓGICAS E CRONOTOPO NO ROMANCE ESPÍRITA *O MUNDO QUE ENCONTREI*, DITADA PELO ESPÍRITO DE LUIZ SÉRGIO

Nícolas Vladimir de Souza Januário *
Camila de Araújo Beraldo Ludovice **

Resumo: O romance espírita *O mundo que encontrei* narra as experiências de um jovem de 23 anos, após deixar seu corpo físico. A narrativa apresenta descrições do mundo espiritual de maneira amena e despretensiosa, dentre outras situações além-túmulo que fazem parte da doutrina kardecista. Obra de sucesso imediato na comunidade espírita, apresenta elucidações de cunho doutrinário pelo viés da aceitação da vida após a morte física. Nesse contexto, em percurso metodológico, temos a obra mencionada como nosso objeto de pesquisa e a partir dela, buscamos de maneira efetiva a compreensão das relações dialógicas e do cronotopo que contribuem para verificar como uma “obra espírita”, além de se enquadrar no gênero discursivo romance, apresenta relações entre narrador e leitor-virtual, bem como o entendimento do espaço e tempo representados.

Palavras-chave: Romance Espírita. Relações dialógicas. Cronotopo.

DIALOGICAL RELATIONS AND CHRONOTOPE IN THE KARDECIST NOVEL *O MUNDO QUE ENCONTREI*, DICTATED BY THE SPIRIT LUIZ SÉRGIO

Abstract: The Kardecist Novel *O mundo que encontrei* narrates the experiences of a 23 years young man after leaving his physical body. The narrative presents descriptions of the spiritual world in a soft and uncompromising way, among other beyond-the-grave situations that are part of the Kardecist doctrine. A piece of work of immediate success in the spiritist community, it offers enlightenment of a doctrinal bias for accepting life after the physical death. In this context, in a methodological approach, the mentioned book constitutes our research object and, from it, we seek effectively the understanding of the dialogic relations and the chronotope that contribute to identify it as a "spiritist work", besides fitting in the discursive genre Novel, it shows relations between narrator and reader-virtual, as well as the comprehension of the space and time portrayed.

Keywords: Spiritist novel. Dialogical relations. Chronotope.

Introdução

A doutrina espírita kardecista foi codificada pelo então Hippolyte Léon Denizard Rivail, com pseudônimo de Allan Kardec, um influente educador, autor e tradutor francês. Suas contribuições para que a doutrina filosófica espírita surgisse aconteceram por meio de traduções de dizeres dos espíritos, em sessões mediúnicas, na França. Kardec foi um dos protagonistas mais influentes da época, em meados de 1854, considerando que as manifestações “sobrenaturais”, em sessões, responderiam a inúmeras questões sobre o comportamento humano e sobretudo como as pessoas poderiam melhorar como seres viventes no espaço

físico e, *a posteriori*, no mundo espiritual. A partir disso, uma linha doutrinária cristã nascia, conhecida atualmente como “Doutrina Espírita Kardecista”. Desde a codificação da doutrina, calcada nos ensinamentos cristãos, inúmeras obras sob a influência dos espíritos, inicialmente denominados mentores, ganharam repercussão, no mundo inteiro. Ensinamentos e práticas mediúnicas são hoje atividades inerentes à doutrina e o que nos chama a atenção são, em especial, os romances mediúnicos, obras consideradas literárias ditadas pelos espíritos aos médiuns psicógrafos. Vejamos abaixo uma imagem a capa da obra que constitui nosso *corpus*, a título de apresentação.

Figura 1: Imagem da capa da obra *O mundo que eu encontrei*



Fonte: Sérgio (2013)

A partir disso, nosso artigo parte de um objeto específico, uma obra psicografada, denominada *O mundo que encontrei*, ditada por um espírito/entidade de nome Luiz Sérgio. Objetivamos analisar a importância das relações dialógicas entre a voz da narrativa e o leitor-virtual e as relações de espaço e tempo representados pela concepção da cronotopia.

Consoante a isso, nossas análises se dão em três únicos recortes do primeiro capítulo da obra mencionada, a partir das seguintes verificações: (i) relações dialógicas entre os participantes do processo de interação verbal pela responsividade e (ii) a relação entre o espaço e tempo na constituição de “mundos” entre os agentes comunicacionais.

Entende-se por dialogismo as relações entre índices sociais de valores que constituem o enunciado. O sujeito social, ao deparar-se com outros enunciados, interage com os discursos, num ato responsivo, concordando ou discordando, complementando e se construindo na interação. Portanto, a língua tem a propriedade de ser dialógica e os enunciados são proferidos por vozes, pois o discurso de alguém se encontra com o discurso de outrem, participando, assim, de uma interação viva. Já o “valor” do cronotopo permite a materialização do tempo no espaço, como se o tempo se tornasse visível. Essa concepção está, pois, na base do diálogo, em uma cosmovisão, ao determinar a imagem do homem na literatura, pois constitui uma ligação entre o mundo real e o mundo representado, lugares que estão em interação mútua.

Partindo do pressuposto de que a linguagem é parte integrante e constitutiva do ser humano, vimos que a materialidade discursiva, propositada neste artigo, *a priori*, é um artefato para que se possam entender as duas concepções mencionadas, e entender que a discursividade é sempre um “ato responsivo” na proposição de sentidos.

1 As relações dialógicas na constituição de sentidos

A noção de dialogismo nasce com Bakhtin, como um fator constitutivo (essencial) da linguagem, que tem como objetivo a proposição de sentido. Buscar o entendimento sobre a ação de discursividade é perceber como a interação verbal acontece entre o enunciador e o enunciatário. Sabe-se que essa relação direta, pelo ato responsivo, possibilita perceber as instâncias subjetivas e ideológicas dos sujeitos, bem como suas posições em um determinado tempo e espaço. Para tanto, vale considerar que o nosso *corpus* em questão evidencia, por uma primeira leitura, essas particularidades. Nessa perspectiva, na relação dialógica, o “eu” quem profere a mensagem (autor-narrador) é um ser consciente de si em contraposição ao outro,

o interlocutor, que, nesse caso, podemos dizer que se trata de um leitor-ouvinte. Ambos são seres sociais, coletivos e ideológicos, que estão em constante processo de interação.

O homem entra no diálogo como voz integral. Participa dele não só com seus pensamentos, mas também com seu destino, com toda a sua individualidade. A imagem de mim mesmo para mim mesmo e minha imagem para o outro. O homem existe na realidade nas formas do eu e do outro ('tu', 'ele' e 'man'). (BAKHTIN, 2010, p 349).

Consoante à citação anterior, concisamente, podemos entender que o dialogismo está além das relações "face a face" entre os sujeitos constituídos socialmente.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra "diálogo" num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN, 2012, p. 117).

Podemos entender, então, que, no dialogismo, segundo a concepção bakhtiniana o processo de comunicação é manifestado em diferentes dimensões de interação. Assim, as grandes polêmicas acerca do homem social podem ser discutidas. Valores são apresentados e podem ser representados em gêneros discursivos não estanques, mas multifacetados.

Os conceitos de individual e de social, em Bakhtin, não são, porém, simples nem estanques. Em primeiro lugar, o filósofo mostra que a maioria absoluta das opiniões dos indivíduos é social. Em segundo, explica que todo enunciado se dirige não somente a um destinatário imediato, cuja presença é percebida mais ou menos conscientemente, mas também a um superdestinatário, cuja compreensão responsiva, vista sempre como correta, é determinante da produção discursiva. (FIORIN, 2018, p. 31).

Com base na posição de Fiorin (2018), podemos dizer que o superdestinatário é aquele que recorre às contraposições diante dos discursos que lhe são propositados. Contrapor também é papel importante no processo dialógico,

pois, teoricamente, entende-se que, nas relações de um “eu” para com um “outro”, os conflitos também são partes que integram a uma responsividade comunicacional.

2 A relação entre tempo e espaço – valores de cronotopia

Entende-se como cronotopo a categoria conteudística – formal, que revela a relação entre o tempo e o espaço, sendo essa relação fundamental para que as representações humanas possam ser entendidas nos textos, principalmente os literários.

Atentando-nos ao romance literário, essa relação espacial e temporal revela-se ao leitor não só como elemento de um processo de sequencialidade, mas também como categoria inacabada que permite ao leitor-ouvinte depreender sentidos.

Podemos afirmar que as categorias de tempo e espaço, em um romance literário, estabelecem aquilo que se entende de tensão discursiva, pois se referem diretamente aos sujeitos que procuram mostrar seus posicionamentos na linguagem – sujeitos discursivos, que renovam contiguamente suas ideias a cada novo diálogo.

Seguindo as concepções de Bakhtin (2010), o cronotopo possui um papel fundamental. No romance literário, essa categoria é determinada de maneira a significar a imagem do indivíduo na obra e, a partir dela, a manifestação de uma discursividade compreensível e concreta.

Todos os elementos narratológicos que possuem a função de sequencialidade discursiva, no romance, são abstratos, e as generalidades sociais, ideológicas e filosóficas dos sujeitos discursivos permitem uma determinada compreensão do tempo e espaço que estão inseridas, formalizando-as em concretas. Tal perceptividade tem o objetivo de apresentar uma maneira de se entender os eventos, em uma concepção específica e contextual.

Ademais, o cronotopo também determina, dentro de uma obra artística literária, em específico o gênero romance, aquilo que se pode denominar “realidade efetiva”. Ainda, os pesquisadores afirmam que, na arte e na literatura, os valores cronotópicos estão impregnados em diversos graus e dimensões, pois são responsáveis pela observação única, em um determinado tempo, sem que haja

repetição no que concerne à relação entre o sujeito e seu “objeto”, buscando em Bakhtin a seguinte assertiva:

No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico. (BAKHTIN, 1993, p. 211).

Vale ainda ressaltar que o cronotopo apresenta duas consequências. A primeira é a que o “eu”, sujeito pensante e observador, varia no tempo, pois implica um conhecimento inacabado, que se configura sempre em um “vir-a-ser”. A segunda defende que dois sujeitos distintos nunca compartilharão de um mesmo pensamento sobre o “objeto” observado. Entendemos que o “objeto” pode ser uma obra artística, uma obra literária, ou qualquer situação ou materialidade concreta no mundo “real” e, a partir disso, a possibilidade de entender quais valores o “objeto” possui no mundo social, bem como no mundo das ideias.

De acordo com as teorizações discorridas, na concepção de Bakhtin (2010), as categorias cronotópicas colaboram efetivamente dentro do gênero romance por apresentarem personagens inacabadas em um processo crescente e contíguo que, em vias de fato, nunca se concluirá. Essa ideia corrobora a compreensão de que as personagens de um determinado romance são vistas de maneiras distintas pelos seus leitores, pelo simples fato de que cada um deles apresenta valores ideológicos também distintos, modificando a imagem do sujeito à medida que o tempo interioriza-se nele, e também, sua vida, destino e a relação consigo mesmo.

As situações de natureza humana, ou seja, tudo aquilo que está relacionado ao sujeito, desde seu nascituro até a morte, revelam as categorias cronotópicas. Diferentes espaços e tempos estão presentes na sequencialidade de uma narrativa literária, em específico, o gênero romance. A partir dessas categorias, podemos definir se uma determinada obra é linear ou não-linear e, se nestes dois tipos, há uma subclassificação, sendo: psicológica, memorialista, histórica, científica, regionalista, urbana, religiosa, doutrinária, indianista, dentre outras.

Consoante a isso, dentro de inúmeras obras narrativas, há o que Bakhtin (2018, p. 223) denomina “cronotopo da estrada”. Essa denominação ou categoria permite-nos fazer uma associação pelo senso comum de “caminho ou viagem”, se pegamos o vocábulo estrada como referência. Para o propositor, tal referência está diretamente relacionada à ideia de movimento ou deslocamento, encontro ou revisitação. Essas relações estão presentes em quase todas as obras literárias, de maneira global, assim como defende Bakhtin:

O motivo do encontro é um dos mais universais não só na literatura (é difícil deparar com uma obra onde esse motivo absolutamente não exista), mas em outros campos da cultura, e também em diferentes esferas da vida e dos costumes da sociedade. (BAKHTIN, 1993, p. 223).

A partir desta concepção, os vários movimentos dentro das obras literárias narrativas só acontecem porque seus personagens realizam diversas ações verossimilhantes aos da vida “real”, permitindo ao leitor-receptor fazer associações, interpretações e inferências, ora se enxergando dentro da história, considerando as situações que lê pelo valor de experiência virtual, ora se distanciando, de maneira a negar o que é descrito na obra.

De modo geral, as obras literárias apresentam essa categoria, ressignificando o valor da verossimilhança e ratificando a intersubjetividade. Além disso, gera confiabilidade, pois aquele que narra tem como objetivo de transpor ao leitor, de maneira descritiva, detalhes que constituem legitimamente seu saber, seu conhecer, seu sentir, seu viver. Instrumentação discursiva que está presente em nossas obras literárias, atualmente.

3 Relações dialógicas e cronotópicas: duas concepções indissociáveis – Proposições analíticas

A partir das fundamentações apresentadas anteriormente, apresentamos três recortes selecionados de nosso *corpus* por apresentarem mais explicitamente as relações dialógicas e o valor de cronotopia. Percebemos que tais dimensões são factíveis e indissociáveis no que concerne o construto de sentido no processo de interação verbal. Essa coadunação faz com que a interação entre os participantes

(narrador-personagem e leitor), o tempo e o espaço sejam visíveis nas formas artística e responsiva.

3.1 Primeiro recorte

“Veja você que só agora pude vir a escrever e dar notícias daqui. Ainda estou meio embaraçado com a nova vida. Tudo mudou; o que já não era voltou a ser e o que era já não é mais, ainda vai ser. Compreendeu?” (SÉRGIO, 2013, p.05).

No trecho anterior, o sujeito social (Luiz Sérgio), profere um enunciado direto, com o objetivo de interagir com seu leitor (virtual), também sujeito social. Mesmo que Luiz Sérgio não tenha resposta, seu ato de fala – de narrar, é responsivo, ou seja, procura “ganhar” a confiança de seu leitor com o uso de uma linguagem “cotidiana”. Com esta atitude do narrador-personagem, o leitor se colocará na posição quase que automática de concordar com a “voz que emite a mensagem”, quando este afirma – *“veja você que só agora pude vir a escrever e dar notícias daqui”*. Aqui, a mensagem verbal do narrador-personagem permite que haja o complemento de ideias e, a partir disso, a construção de sentidos no processo de interação, sendo a voz do narrador-personagem e leitor. Percebe-se que, pelas concepções bakhtinianas, o processo dialógico é direto entre narrador-personagem e seu leitor-virtual, sabendo que a interação não é “face a face”, mas a dinâmica comunicacional entre os participantes, que propicia a vivacidade da interação.

Verifica-se, portanto, que a língua tem a propriedade única no trecho de ser também dialógica, e o enunciado proferido inicialmente por uma voz, do narrador-personagem, a um alguém – o leitor. Esse processo de interação, portanto, torna-se “vivo”. Nesse caso específico, o dialogismo não se restringe ao diálogo face a face, como mencionado anteriormente, mas em todo enunciado proferido no processo de comunicação manifestado em uma dimensão perceptiva entre o ato de dizer de um e o ato de ler e entender do outro, como podemos verificar nas palavras de Bakhtin, a seguir.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de

pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (Bakhtin, 2012, p. 117)

Existem algumas possibilidades de significação do diálogo em que uma significação atual sinaliza para a ideia de que a interação verbal entre sujeitos constituídos de valor se dá em movimento. Assim, à luz das concepções bakhtinianas, podemos entender que o recorte proposto evidencia a interação em atos responsivos, possibilitando o entendimento das instâncias subjetivas dos indivíduos/sujeitos e suas marcas ideológicas, bem como suas posições em um determinado tempo e espaço. Quanto à relação de tempo e espaço, trataremos em uma parte específica deste artigo.

Na passagem seguinte, a relação direta que o narrador-personagem estabelece com seu leitor torna-se mais específica. Pelo conhecimento, pelo saber, pelo ser e como vê o “mundo”, o diálogo sinaliza o valor conteudístico – as questões que envolvem a doutrina espírita. Vejamos.

3.2 Segundo recorte

É difícil para a gente se adaptar. Mas já consegui muita coisa. Estou aqui para dar notícias. Estive na casa da Valquíria, mas ela não me percebeu e não tive como fazer-me notar. Lembrei-me de que você era espírita e que podia me entender. É bom a gente poder comunicar-se com os vivos. Lembra-se muita coisa. Eu já pude comunicar-me com os meus pais através de pessoas que são como você. (SÉRGIO, 2013, p.05)

A relação conteudista pode ser verificada nas ideias sublinhadas na passagem proposta. Ou seja, o diálogo entre o narrador-personagem só poder ser feita se seu enunciatário tiver o conhecimento espírita e, além disso, concordar com a questão ideológica que o conteúdo explicita.

Adiante, em um novo recorte, as relações cronotópicas de espaço-tempo são marcadas por ressignificar um sujeito, o narrador-personagem. Tal ressignificação está diretamente relacionada aos elementos, abstrato (causa) – aquilo que era e concreto (efeito) – aquilo que se tornou. Essa análise pode ser verificada no trecho analisado na sequência.

3.3 Terceiro recorte

Hoje, já não tenho mais medo de atrapalhar-me, porque entendi que tudo não passou de uma transformação e que o choque sofrido não podia ser consequência grave para mim, porque ele foi físico. Eu agora não tenho mais corpo físico, mais ainda tenho corpo. Interessante observar as propriedades deste corpo. São inteiramente diversas, no campo físico, das que tinha antes. Se dois corpos não podiam ocupar o mesmo espaço, agora podem, já que eu posso me incorporar em ‘massa física’ se ela me repele. Então, eu a contorno, buscando uma superfície não repelente: aí eu atravesso (SÉRGIO, 2013, p. 05).

Podemos afirmar categoricamente, pelas concepções bakhtinianas, analisando o trecho proposto, que o narrador-personagem, ao ser deslocado para outra “esfera existencial”, movimenta-se de maneira a mostrar ao seu leitor que mudanças são responsáveis por “novas atitudes”, “novos comportamentos”. Esse processo de interação entre autor-narrador-personagem e leitor-receptor proposita não só um diálogo considerável “face a face” como ações permeadas de sentimentos, saberes e simbologias, responsáveis pelos inúmeros construtos de sentido, baseados em um EU que fala, para um TU que também se coloca de maneira responsiva.

Nesse sentido, ressaltamos a importância de algumas seleções vocabulares contidas no próprio trecho/recorte: “**hoje**”, “**tudo passou**”, “**eu agora**”, “**podiam**”, “**agora podem**”, “**eu posso**”, “**aí eu atravesso**” (grifos nossos). Essas marcas lexicais determinam a multiplicidade temporal em espaços diferentes. Nesse trecho, percebe-se uma cosmovisão, determinando a imagem do homem na literatura, constituindo uma ligação entre o mundo real (a vida terrena) e o mundo representado (o mundo espiritual).

A partir desse enunciado, observamos o deslocamento espaço-temporal que se manifesta discursivamente. Os lugares respectivos estão em interação mútua, pois Luiz Sérgio enuncia de um lugar para o leitor que está em outro e ambos possuem importância, em razão de suas existências.

Contudo, as expressões entre aspas apresentam a fusão dos indícios espaciais e temporais, permitindo-nos entender a presença do cronotopo na cadeia enunciativa e, a partir da interação evidenciada, o caráter cíclico comunicativo estabelece-se efetivamente em um AQUI presencial e em um momento AGORA, na

leitura e pela leitura e, sem nos esquecer, os mesmos ratificam-se no propósito interacionista.

Considerações finais

Em síntese, nosso objeto de estudo categoriza-se como narrativa literária do universo espírita. O processo dialógico presente na obra ratifica a importância das concepções bakhtinianas. O espaço/tempo é inseparável da ideia “cronotopo da estrada”. Tais perspectivas permitem ao leitor depreender que as situações referentes à natureza humana são elementos mais que basilares na constituição de sentidos. Eles são efetivos para a compreensão de nossa história como sujeitos ativos no processo de comunicação e de ratificação de interesses individuais e coletivos.

Consoante a isso, reforçamos nossas ideias a partir da seguinte citação.

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez para todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo (BAKHTIN, 2003, p. 410).

Uníssono à citação, e de acordo com as concepções de Bakhtin, no universo da comunicação, existem inúmeros enunciados que se reconstróem daquilo que chamamos de “realidade”, levando em consideração o tempo, o espaço, a historicidade, o valor ideológico e cultural. Nesse processo de interação, que efetivamente produz sentidos, devemos buscar o entendimento ativo frente às variadas vozes que emergem das relações. Com isso, vale ressaltar que as contribuições de Bakhtin permitem aos leitores virtuais da literatura cânone ou

moderna entenderem o “diálogo” não somente em seu sentido estrito, mas em sentido amplo.

Assim é que se compreende o gênero romance espírita – materialidade de uma esfera de atividade humana que ratifica as práticas sociais de interação e consolida os valores éticos entre seus participantes. Ademais, entender as dimensões propositadas por Bakhtin (relações dialógicas e cronotopo), é entender o mundo verbal à nossa volta.

Notas

* Nicolas Vladimir de Souza Januário é doutorando em Linguística pela Universidade de Franca - São Paulo como bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), Mestre em Linguística e membro do grupo do GEBGE - Grupo de Estudos Bakhtinianos dos Gêneros do Discurso, da mesma instituição de ensino. Docente e membro do grupo gestor de pesquisa - DFCPP - Direitos Fundamentais: contemporaneidade e políticas públicas do curso de Direito e professor do curso de Pedagogia com dedicação exclusiva na Universidade José do Rosário Vellano - UNIFENAS. E-mail: nvjanuario@gmail.com

** Camila de Araújo Beraldo Ludovice é doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela FCLAR - Unesp (Araraquara). Líder do GEBGÊ - Grupo de Pesquisas Estudos Bakhtinianos dos Gêneros do Discurso - certificado pelo CNPq. Professora permanente e vice-coordenadora do Programa de Pós-graduação em Linguística (Mestrado e Doutorado) da Universidade de Franca e professora dos cursos de Letras, Tradutor e Intérprete e Pedagogia. E-mail: camilaludovice@gmail.com

¹ Segundo a doutrina espírita, a psicografia seria uma das múltiplas possibilidades de expressão mediúnicamente existentes. Allan Kardec classificou-a como um tipo de manifestação inteligente, por consistir na comunicação discursiva escrita de uma suposta entidade incorpórea ou espírito, por intermédio de um homem.

² Para Bakhtin o sujeito social, ao se deparar com outros enunciados, interage com os discursos num ato responsivo, concordando ou discordando, complementando e se construindo na interação.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. P. Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. (Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. Trad. M. Lahud; Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2012.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2018.

BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: Dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar, 2006.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2018.

SÉRGIO, Luiz. **O mundo que encontrei**. Psicografia por Alayde de Assunção e Silva. 32. ed. Brasília- DF: Recanto, 2013. Disponível em <<http://www.rema.org.br/luiz-sergio-colecao-completa/>>. Acesso em 18 dez. 2020.

VOLOCHINOV, Valentin Nikoláievitch. construção da enunciação. In: **A construção da enunciação e outros ensaios**. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João editores, 2013c [1930], p. 157-188.

Recebido em: dezembro de 2019.

Aprovado em: agosto de 2020.